

Nosso bairro Sudoeste/Octogonal

Os caminhos da ajuda ao próximo

O que não falta no Sudoeste e Octogonal é trabalho voluntário, seja nas igrejas, nos centros espíritas ou nas ONGs, onde todos procuram dar uma força para que muitos continuem vivendo

Alline Martins
amelo@jornalcoletivo.com.br

Dedicar parte do tempo, sem remuneração alguma, em prol do bem-estar social. É isso que cerca de 23% dos brasileiros fazem como voluntários, segundo pesquisa da ONU. Não há dados oficiais para Brasília, mas a quantidade estimada pelo Centro de Voluntariado do DF é de mais de 200 mil pessoas, muitas das quais moradores do Sudoeste e Octogonal que, por seu alto poder aquisitivo, têm mais possibilidades de ajudar o próximo.

Na Região Administrativa não existem apenas duas ONGs, mas muitos voluntários se reúnem em igrejas, centros espíritas e outras instituições. Uma das ONGs é a Amigos do Bosque do Sucupira, que trabalha em prol da preservação do parque ecológico localizado no Sudoeste.

A outra é a Associação Brasileira de Apoio ao Paciente com Câncer, Abac Luz, fundada em 1998 com o objetivo de atender os pacientes com câncer. Guiomar Esteves, moradora do Sudoeste é voluntária da Abac Luz. “Escolhi fazer algo que quebrasse o meu orgulho. E consegui”, disse, acrescentando que o número de voluntários está crescendo. “É um trabalho importante e gratificante”.

Muitas outras instituições levam as pessoas a promoverem a solidariedade como o Colégio Ciman, na Octogonal. Segundo o coordenador do Núcleo de Ética e Cidadania, Leonardo Eustáquio, incentivar o voluntariado faz parte das disciplinas oferecidas pela escola e, assim, ações são realizadas todo ano. Este ano ajudaram no MC Dia Feliz, foram ao Lar dos Velinhos e agora escolheram algumas cartas do Papai Noel dos Correios.

Para Eustáquio, muitas pessoas têm consciência do que acontece, mas não estão sensibilizadas para ajudar. “Fizemos uma exposição fotográfica sobre excluídos da sociedade e muitos alunos tiveram empatia com a situação, o que ajudou a chamá-los para o voluntariado”.

Segundo ele, o que costuma acontecer com muitas pessoas de classe média é que elas têm a ferramenta para ajudar, mas não sabem por onde começar. Foi assim com a estudante Amanda Venderh, 14 anos. “A escola me deu recursos para realizar algo que eu queria. Indo a esses lugares, descobri que a emoção de estar lá é muito maior do que a de só imaginar o que acontece com algumas pessoas que têm dificuldades”.

Os alunos Bruno André, 17 anos, Géssyca Lany, 17, e Gabriel Gonçalves, nove, também optaram por ser voluntários em programas realizados pelo Ciman. “Queremos um mundo melhor e por isso devemos cuidar dos outros, principalmente das crianças”, diz Géssyca. O mais novinho diz que os pais, que também são solidários com creches, gostaram de vê-lo participar da campanha do Mc Dia Feliz “Ajudei crianças menores do que eu”, conta Gabriel.

Bruno André foi motivado pelo carinho que tem por crianças. Inclusive, em um dos eventos solidários, vestiu-se até de Papai Noel.

Provavelmente influenciada pela mãe, Mônica Lisboa, a estudante do 8º ano do ensino fundamental Stephanie Gutierrez, 13 anos, também faz trabalhos voluntários dentro e fora da escola. A mãe era voluntária no Centro Espírita que freqüentava e a filha ia junto. Mônica acha a atitude importante para a formação do caráter da filha.

“Adolescentes como ela têm a vida com muita facilidade e precisam ver que existe outra realidade bem diferente da delas”. Stephanie concorda. “Muitas vezes a gente só vê o nosso lado e não percebe que

tem muita gente por aí passando por dificuldades”.

Atualmente, ela faz parte do projeto Reciclo, realizado por funcionários da Caixa Econômica. “Estamos ajudando moradores de rua de Taguatinga. Conseguimos um financiamento para construção de casas populares e agora iremos até o local ensiná-los algumas coisas. Stephanie já mostrou interesse em ajudar”.

Funcionam ainda, dentro do Sudoeste, do Núcleo de Alfabetização, realizado por meio do Centro de Voluntariado do DF. Tem outra organização sem fins lucrativos, chamada Junior Achievement, que atua em parceria com escolas particulares: alunos de ensino médio recebem aulas de estudantes e professores universitários, empresários e executivos, todos voluntários”, explica a presidente do Centro de Voluntariado do Distrito Federal e gerente executiva do Junior Achievement, Olívia Volker Rauter.

O administrador de empresas Tiago Faillace, 31 anos, morador do Sudoeste, é voluntário do programa de empreendedores. “Depois de formado, resolvi procurar uma ONG na minha área de atuação. Eu queria ajudar as pessoas, aproveitei para ocupar meu tempo livre com uma atividade ligada à área de administração de empresas. Tinha iniciado uma pós-graduação em Marketing e o trabalho voluntário poderia aprimorar meus conhecimentos. E o Sudoeste e Octogonal têm a vantagem de serem bem localizados, facilitando o acesso às escolas”.

Para Tiago, a Região Administrativa do Sudoeste e da Octogonal deveria incentivar a criação de organizações não-governamentais nos bairros. “Elas poderão atuar na comunidade local, trazendo recursos humanos e conhecimentos que, às vezes, os governos não conseguem fornecer. Acho que o trabalho voluntário desperta o senso de coletividade nas pessoas”, diz. Tiago tenta trazer mais pessoas para o voluntariado.

“Sempre converso sobre o assunto com pessoas que conheço, incentivo e passo todas as informações necessárias aos interessados em iniciar uma atividade voluntária”, conta. Deize Menezes, 43 anos, servidora da Justiça Federal, é outra voluntária da Junior Achievement. Porém, sua história com o voluntariado é antiga.

“Desde a adolescência fazia trabalho voluntário. Trabalhei em arrecadação de alimentos, visitas a asilos, distribuíamos sopa para moradores de rua, dávamos aulas de noções básicas de higiene para crianças de uma invasão que ficava no local onde hoje é o Sudoeste econômico”, lembra.

Deize completa que, nos tempos de universidade, fez estágio não-remunerado e não-obrigatório com a população carente de Ceilândia.

“Recentemente, busquei informações junto ao Hospital de Apoio de Brasília, onde pretendo trabalhar com pacientes terminais”. A servidora ainda faz parte da ONG Amigos do Parque Ecológico de Sucupira, no Sudoeste”.

Para Deize Menezes, o maior beneficiado nisso tudo é o voluntário. “É uma grande lição de vida. Seja qual for o grupo com que você trabalha, é sempre gratificante, pois o aluno, o idoso, o menor carente, o presidiário, o doente nos dão lições preciosas de vida, nos mostram o valor de pequenos gestos, nos ensinam a valorizar o que somos e o que temos, nos dão lições de fé. O trabalho voluntário me mostrou, inicialmente, o que é sofrer e ajudou a valorizar e a agradecer por muita coisa que tinha. Mais tarde, trabalhando com jovens, senti a alegria de ajudar de outra forma, vendo despertar o talento desses que são o futuro do mundo e que, muitas vezes, desconhecem seu grande potencial”.

Para homenagear essas pessoas que, apenas por questão de solidariedade, dedicam parte do seu tempo a ajudar o próximo, foi criado em 17 de dezembro de 1985, pela Assembléia Geral das Nações Unidas, o Dia Internacional do Voluntário, com o objetivo de incentivar e valorizar o serviço voluntário em todo o mundo. A partir da resolução daquela assembléia, o dia 5 de dezembro foi escolhido como data de homenagem aos voluntários.